

A COLEÇÃO DE FANTASIAS MANGUEIRA-LUDENS: DA EFEMERIDADE DO CARNAVAL ÀS CINZAS DO MUSEU NACIONAL¹

Submetido em 17/07/2022
Aceito em 19/07/2022

Renata de Castro Menezes²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente artigo pretende oferecer um registro sobre uma quase-coleção de fantasias, queimada: a coleção Mangueira-Ludens, doada por segmentos do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira ao Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado (Ludens) do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua maior parte proveniente do desfile de 2017 da escola de samba, cujo enredo era "Só com a ajuda do santo", as fantasias materializavam santos e santas de grande devoção popular, reinterpretando seus atributos. E foi com o intuito de compreender o processo de "carnavalização de devoções" que elas foram trazidas ao Museu. Porém, com o incêndio de 2018, este acervo foi destruído pelo fogo. A proposta é registrar sua memória e trazer alguns pontos de reflexão sobre sua relevância, como por exemplo, sobre a forma dialógica de sua composição e sobre os desafios de "musealizar" a efemeridade carnavalesca.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval. Mangueira. Materialidades. Rituais e simbolismo. Religião e museu.

THE MANGUEIRA-LUDENS COSTUME COLLECTION: FROM THE EPHEMERALITY OF CARNAVAL TO THE ASHES OF THE NATIONAL MUSEUM

ABSTRACT: *The present article intends to offer a register about a burned quasi-collection of costumes: the Mangueira-Ludens Collection, donated by members and professionals of the Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira to the Laboratory of Anthropology of the Ludic and the Sacred (Ludens) of the Museum National, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mostly from the 2017 parade of the samba school, whose theme was "Only with the help of the saints", the costumes materialized saints of great popular devotion, reinterpreting their attributes. And it was in order to understand the process of "carnivalization of devotions" that they were brought to the Museum. However, with the fire of 2018, this collection was destroyed. The proposal is to register its memory and bring some points of reflection about its relevance, such as, for example, on the dialogic form of its composition and on the challenges of "musealizing" the carnivalesque ephemerality.*

KEYWORDS: *Carnival. Mangueira. Materialities. Rituals and symbolism. Religion and museum.*

¹ Este artigo resulta da pesquisa *Enredamentos entre religião e cultura: o caso do Carnaval carioca*, financiada pelo Programa Cientista do Nosso Estado da Faperj e por uma bolsa de produtividade do CNPq.

² Antropóloga, professora associada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado, da Faperj.

A COLEÇÃO DE FANTASIAS MANGUEIRA-LUDENS: DA EFEMERIDADE DO CARNAVAL ÀS CINZAS DO MUSEU NACIONAL

Introdução

O incêndio do Museu Nacional, que já foi objeto de um número específico de *Ventilando Acervos* em 2019, provocou o desaparecimento de milhares de peças científicas, inclusive antropológicas. Dentre estas, havia um conjunto de fantasias carnavalescas que, recém-chegadas ao Paço da Quinta da Boa Vista, aguardavam no interior do prédio os procedimentos necessários à incorporação ao acervo, quando foram consumidas pelo fogo.

Isso significa dizer que, do ponto de vista formal, as peças não chegaram oficialmente a se configurar como uma coleção museal. Porém, como elas foram doadas a partir do encontro e da partilha de antropólogas e antropólogos de um dos laboratórios do Museu Nacional com segmentos do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, ou, simplesmente, da Mangueira, seria importante registrar sua breve história. Trata-se de uma quase-coleção antropológica formada a partir de relações de generosidade e de dádiva, bem como do intercâmbio de tempo, trabalho, interesses e expectativas³.

No momento do desastre, o próprio Museu Nacional possuía outro conjunto recente de fantasias, provenientes do desfile em que foi homenageado por seu bicentenário pela escola de samba Imperatriz Leopoldinense, em 2018. Porém, como estas compuseram uma exposição nas salas do museu, elas chegaram a ser conhecidas do público visitante enquanto parte do acervo da casa⁴. Isso justifica que, aqui, o foco permaneça na Coleção Mangueira-Ludens.

³ Talvez se devesse mais propriamente falar de “reencontro”, pois tanto a Mangueira, como outras escolas de samba já haviam sido objeto de livros, teses e dissertações produzidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, por diferentes gerações de pesquisadores e pesquisadoras. Essa produção pode ser conferida na Base Minerva da UFRJ: <https://minerva.ufrj.br/F?RN=662771042>. No contexto tratado no artigo, agradeço às seguintes pessoas ligadas ao Museu - Lucas Bártolo, Morena Freitas, Débora Simões, Thiago Oliveira e Luiz Gustavo Mendel - e à Mangueira - Paulo Ramos, Andréa Correa, Mharly Azevedo, Teresinha Labruna, Julio Cerqueira e Leandro Vieira.

⁴ “A exposição O Museu dá Samba - A Imperatriz é o Relicário no Bicentenário do Museu Nacional apresenta 30 fantasias nas principais salas das exposições do Museu Nacional e foi aberta no dia 18 de maio [de 2018], Dia Internacional de Museus, com a presença da bateria da tradicional escola de samba do bairro de Ramos. A coordenação é de Regina Dantas.” Disponível em: <https://tinyurl.com/26cvrd5x>. Acesso em 16/07/2022. No mesmo link, há mais informações sobre a exposição.

A Mangueira é uma das escolas de samba mais antigas e conhecidas do Rio de Janeiro e, por uma feliz coincidência, é vizinha do Museu Nacional⁵. Porém, apesar da proximidade espacial, a razão do encontro foi o interesse de pesquisa por temáticas apresentadas nos desfiles, a partir de um processo explicado detalhadamente em Menezes, Bártolo (2019), que retomo aqui, de forma resumida, para contextualizar a formação da coleção.

Em 2016, após vencer o campeonato com o enredo “Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá”, a Mangueira anunciou que traria para o desfile seguinte o enredo “Só com a ajuda do Santo”. Ambos os enredos foram compostos pelo carnavalesco da escola, Leandro Vieira, que conseguiu a proeza de sagrar-se campeão em sua estreia no Grupo Especial, como uma jovem aposta da Mangueira, que com isso retornou ao primeiro lugar do pódio depois de treze anos de jejum⁶

O desfile campeão sobre Bethânia foi uma celebração da vida e da obra da cantora baiana em seus 50 anos de carreira, e teve sua religiosidade como a âncora da narrativa. Bethânia foi apresentada como a filha favorita do Orixá Oyá e o deslocamento produzido por essa associação permitiu que a escola trouxesse os dois primeiros setores do cortejo - “Cabeça feita num candomblé de Ketu” e “Bethânia: dos orixás e dos santos de altar” - versando exclusivamente sobre religião, além de acolher a presença do tema em outros momentos (Vieira, 2016).

Já no Carnaval de 2017, a Mangueira traria novamente a religião para a Avenida: aprofundaria aspectos do ano anterior e desdobraria o tema da devoção popular, realizando uma leitura acerca da religiosidade brasileira, como explica a sinopse do enredo:

Para tudo que é santo vou apelar. Para o santo de casa, para o santo de altar. [...]. Vou saudar o **Benedito**, e se a graça eu alcançar, tem

⁵ A Estação Primeira de Mangueira é uma escola de samba da Zona Norte do Rio de Janeiro, criada em 1928, a partir da reunião de vários blocos da região, tendo como cores o verde e o rosa, escolhidos pelo compositor Cartola. Celeiro de “bambas” como Nelson Cavaquinho, Xangô, Tatinho, Nelson Sargento, Carlos Cachaca, José Ramos, a escola atraiu outros artistas, como Alcione, Beth Carvalho, Chico Buarque, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Rosimery e Leci Brandão. Mas sua base de sustentação está nas classes populares negras cariocas, visto ser uma escola conhecida por ter “chão”, ou ser de “comunidade”. Nos últimos anos, a escola, que já venceu dezenove campeonatos, desfila com cerca de 3.500 componentes. Porém, bem maior é a “nação mangueirense”, formada por pessoas de todo o país e mesmo do exterior.

⁶ Embora tenha trabalhado por cerca de dez anos nos barracões de várias escolas em diversas funções, a única experiência de Leandro Vieira como carnavalesco antes de ir para a Mangueira havia sido em 2015, na Caprichoso de Pilares, escola do grupo de acesso que ficou em sétimo lugar. Vieira permaneceu na Mangueira dos carnavais de 2016 a 2022.

zabumba e reco-reco, ponho a congada pra desfilar. [...] Me apegar com a “**Mãezinha**” pra desatar qualquer nó. Carregar andor, pegar na corda. Na terceira onda que quebra na praia, lançar no balanço do mar: perfume, rosa, espelho e pente, pra **Inaê**, **Marabô**, **Janaina** se enfeitar [...] se **Santa Clara** ilumina o caminhar; se bala, pipoca e guaraná agradam **Cosme e Damião**; vou me curvar aos pés do guerreiro, **São Jorge** fiel escudeiro. [...] Para me cercar de todo lado vou firmar ponto pro “santo” que baixa no terreiro. Pôr amuleto nos pésdo gongá. [...] Rezar para as Santas Almas, “**Preta Velha**, negra Mina da Guiné o inimigo que caia, e que eu, fique de pé”. É bom lembrar, não pode faltar, a proteção do **Orixá**. A Mangueira quer passar e comandar a procissão. Seu verde e rosa, todo mundo sabe, faz tempo já virou religião [...]. (Vieira, 2017, p. 268, grifos do autor).



Figura 1 Logotipo do enredo 2017 da Mangueira, Só com a Ajuda do Santo, da autoria de Leandro Vieira (Vieira, 2017, p. 263).

Na “justificativa do enredo” preparada para os jurados, há explicações para a opção narrativa:

Ao apresentar o enredo “SÓ COM A AJUDA DO SANTO”, o GRES Estação Primeira de Mangueira se debruça em aspectos particulares da religiosidade brasileira. Trata-se de uma abordagem que, ao lançar luz em festas, tradições e devoções reveladoras da forma eclética e particular adquirida pelo catolicismo no Brasil, constrói uma

abordagem carnavalesca que apresenta um painel de nossa cultura religiosa. Apresentamos aspectos de um catolicismo “mulato”, tolerante, pouco dogmático, de linhas “tênuas” e “volúveis” ao contato com outras manifestações de cunho religioso. Catolicismo de “intercessões”, dado ao profano, ao fraterno, e permissivo à grande proximidade entre o devoto e a santidade, autorizando lhe, inclusive, relação íntima e pessoal com “o divino” traduzido em imagens sacras” (Vieira, 2017: 268).

A relação de devoção seria o eixo da narrativa, ressaltando-se a intimidade, o carinho e o afeto que a marcam. O culto aos santos seria apresentado de suas formas mais litúrgicas até aquilo que é comumente chamado de “superstição”, demonstrando a plasticidade das fronteiras do religioso.

Em palestra na UFRJ, bem depois desse desfile, Vieira voltou novamente a explicar a proposta:

[O desfile] foi mais um espaço de implementação de narrativa da cultura brasileira (...) que me permitiu trazer a imagem de uma portabandeira vestida de Nossa Senhora Aparecida e ao mesmo tempo ter uma musa da escola vestida de uma pomba-gira chamada Maria Padilha. (...) com uma capa representando a entidade da Umbanda. Foi o desfile que me permitiu ter um abre alas de influência altamente barroca, com a estética clássica, mas também (..) ter um elemento cenográfico que era uma homenagem a Zé Pelintra. Uma figura super popular no imaginário nosso religioso e que estava ali envolvida com o universo das ruas, com o grafite. Me permitiu ter o discurso que associava, em um mesmo setor, católicos de procissão que celebram o Círio de Nazaré, a Nossa Senhora, que encerrava com um carro com imagem de Iemanjá. Que também é muito popular no imaginário brasileiro e grande parte de sua devoção é associada a figura das Nossas Senhoras. Então, são narrativas de ocupação de espaço. (...). Se nós não temos representatividade cultural negra de religiosidade na novela, na mídia que possibilitaria um alcance maior dessa informação, (...) se eu tenho a possibilidade de construir isso no Carnaval, então é o Carnaval que eu vou usar como espaço para a implementação desse discurso. (Vieira, 2018).

De meu ponto de vista, fui capturada pela sequência de dois desfiles mangueirenses que tomavam a religião como eixo narrativo, pois já vinha explorando os desfiles das escolas de samba para o estudo da religião. No processo de orientação da dissertação de mestrado de Lucas Bártolo (Bártolo, 2018)⁷, percebi

⁷ A dissertação centrou-se no desfile do GRES Renascer de Jacarepaguá de 2016, sobre a devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro associada a brincadeiras de criança (Bártolo, 2018), justamente quando

que os desfiles e seus enredos poderiam ser considerados uma espécie de “repositório dinâmico” de temas da religiosidade popular e das religiões afro-brasileiras, no sentido de serem capazes de reunir, preservar, valorizar, difundir e atualizar esses temas. Ao trazer as religiões para a Avenida, as escolas conseguem tornar manifestas práticas não escritas, transmitidas oralmente, muitas vezes no decorrer das cerimônias, bem como apresentar imagens e gestos distante de modelos ortodoxos.

Isso porque, ao desenvolver uma narrativa de forma processional, ou seja, em movimento, contada através da combinação multissensorial de formas expressivas (canto, dança, percussão, fantasias e alegorias que jogam com o efeito de coletividade), as escolas de samba performam e atualizam repertórios culturais no sentido antropológico pleno da palavra. No universo do samba, tenho acompanhado como a religião, ou as religiões, são tematizadas nos desfiles, isto é, quais são os recursos expressivos - materiais e imateriais - utilizados para referir-se a elas e para lhes dar concretude, mesmo que efemeramente. Aplico aos desfiles carnavalescos perspectivas pragmáticas oriundas das teorias antropológicas do ritual (Peirano, 2001) e busco ressaltar como, através de performances na passarela, as escolas de samba não apenas mostram, mas atualizam e reconstróem as relações entre religião e cultura. Elas são capazes de tornar as fronteiras entre o religioso e o cultural, ou entre as próprias religiões, ou entre a religião e o cotidiano, nebulosas. Podem evidenciar porosidades e outras formas de continuidade ou, pelo contrário, podem reforçar divisões e demarcações. Isso tudo com maior ou menor grau de explicitação para o público das arquibancadas e da televisão. E porque os enredos das escolas de samba são modalidades narrativas ao mesmo tempo altamente codificadas e de grande apelo popular e midiático, defendo que os enredos religiosos veiculam expressões sobre a religião ou a religiosidade tal qual imaginadas ou experimentadas por grupos sociais diversos, possibilitando a emergência de interpretações e imaginações sobre o passado, o futuro e a atualidade da cidade, do país, do mundo.

trabalhávamos em uma pesquisa coletiva sobre o tema (Menezes, Freitas, Bártolo, 2020). Desde então, passei, ou melhor, eu e alguns pesquisadores do laboratório passamos a prestar atenção às conexões entre santos, cultura e sociedade, tal como interpretadas nos desfiles das escolas de samba.

Como “Só com a ajuda do santo” tratava diretamente de questões que vinha problematizando desde meu doutorado (Menezes, 2004), busquei acompanhar, juntamente com a equipe do Ludens, entre setembro de 2016 e março de 2017, a preparação deste desfile. A metodologia seguida foi a inaugurada em Bártolo (2018), com a colaboração de nosso laboratório: analisar as textualizações do enredo (na sinopse e no Livro Abre-alas, que detalha o desfile para os jurados), acompanhar festas e ensaios na quadra, dialogar com pessoas da comunidade, ser voluntário no barracão (na preparação de alegorias e fantasias), participar de ensaios de rua. No desfile, participar da concentração, desfilar e observar da arquibancada e depois, seguir as considerações da imprensa especializada, acompanhar os resultados da apuração e as avaliações dos jurados, entrevistar desfilantes e o carnavalesco, fotografar o máximo possível o processo. Um conjunto de ações que só se tornaram possíveis por um estilo de trabalho coletivo desenvolvido no Ludens, bem como pela cooperação que estabelecemos com segmentos mangueirenses.

O enredo composto por Leandro Vieira também atraiu a atenção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que acompanhou seu processo de produção, naquilo que aparece em seu site oficial como “uma parceria” que resultou na exposição “Bastidores da Criação”, realizada no Paço Imperial em 2017, em comemoração aos 80 anos do IPHAN⁸. Porém, apenas no bojo do processo etnográfico desenvolvido junto à Mangueira que as muitas articulações culturais e institucionais desse enredo foram se revelando, o que, por outro lado, assegurava à equipe do Ludens o acerto de optar por acompanhar o caso.

O contato inicial com a Mangueira deu-se em setembro de 2016, em um seminário no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, quando encontrei membros da Vice-Presidência Cultural (VPC) da escola, a quem demandei a oportunidade de entrevistar seu carnavalesco para minhas pesquisas sobre devoção. Eles se demonstraram dispostos a ajudar, simultaneamente manifestando interesse em que minha equipe apoiasse seus projetos culturais em andamento. Assim, passamos a frequentar a quadra da escola de samba durante a semana, para

⁸ Para a parceria, ver: <https://tinyurl.com/yftzm4bk>, acesso em 15/07/2022. Para a exposição, ver: <https://tinyurl.com/zf4hesy9>, CESSO EM 15/07/2022. O catálogo da exposição foi publicado pelo IPHAN como “Arte e Patrimônio no Carnaval da Mangueira”, e nele o desfile aparece qualificado como “uma ação de salvaguarda do samba”, cuja divulgação seria justificada como estímulo a outras ações de salvaguarda (IPHAN, 2017).

trabalhar voluntariamente em seu Centro de Memória, frequência que foi facilitada pela proximidade física entre o Museu Nacional e o Morro da Mangueira. O desenvolvimento da parceria com a VPC abriu acesso também ao barracão da escola, o que garantiu contatos tanto com membros da comunidade em seu cotidiano⁹, como com os profissionais da festa. Tornou-se possível acompanhar um desfile sobre religião e Carnaval ser construído ao lado de pessoas que participavam de seu processo de produção em posições diferenciadas e que refletiam criticamente sobre ele.

O diálogo com a Mangueira manteve-se nos anos seguintes, tendo em vista que a religião permanece como um tema bastante presente nos desfiles da última década. Porém, para além do interesse etnográfico, o diálogo se mantém porque foram construídas relações de amizade e parceria com algumas dessas pessoas. E porque as escolas de samba revelam-se fontes inesgotáveis de encantamento e inspiração.

Portanto, foi graças à generosidade e ao reconhecimento de nosso interesse por santos e devotos que, no meio de 2018, o Ludens recebeu a doação de algumas das fantasias desse desfile. Eram peças que até então estavam expostas no terceiro andar do barracão da Cidade do Samba e no Centro de Memória Verde e Rosa, localizado no terceiro andar da quadra¹⁰, que iriam para a reciclagem, já que seriam substituídas pelas do carnaval mais recente (sobre o processo de reciclagem, ver Bártolo, 2021, ainda que com foco em uma escola do grupo de acesso). Não sabemos ao certo quantas e quais eram as fantasias doadas, pois a listagem do material, dentro de computadores, também foi consumida pelo fogo. Mas as memórias dos envolvidos consideram possível que tivéssemos cerca de doze fantasias, das quais, com certeza, o “Morro em romaria” (ala 1), “Palhaço de Folia de Reis 1 e 2” (alas 7 e 8), “Onde houver tristeza que eu leve alegria: Valei-me meu São Francisco” (ala 15, bateria), “Salve Cosme e Damião” (ala 18, das baianas, das quais recebemos duas), “Um guerreiro a me defender” (ala 19, sobre São Jorge), “Caboclo Sete Flechas” (Ala

⁹ Ressalta-se que a Mangueira é a única escola do Grupo Especial que mantém a quadra ao pé do morro em que se originou.

¹⁰ Destaco as origens específicas para que os leitores possam entender tanto o alcance das relações que estabelecemos na Mangueira, como o caráter relativamente restrito das exposições, já que o barracão costuma ser visitado apenas eventualmente por turistas e que o Centro de Memória recebe algumas pessoas que frequentam as feijoadas mensais da quadra, ou estudantes em visita.

24). Há dúvidas se também teríamos as fantasias “Curucucus 1” (ala 5), “Boiadeiro” (ala 21), “Gira de Caboclo” (ala 24) e “Salve as Almas” (ala 25). Havia ainda duas fantasias provenientes do desfile de 2016: Salve Cosme e Damião (ala 7, a ala das crianças) e “Viva Santa Bárbara! (ala 8, ala das baianas). Recuperamos as fotos de algumas dessas peças, feitas no trabalho de campo.



Figura 2: Fantasia "Salve Cosme e Damião", da Ala das Baianas, em preparação no barracão, com sua icônica saia de saquinhos de doces que caracteriza a devoção aos santos gêmeos. Autoria: Thiago Oliveira, 2017, acervo Ludens.



Figura 3: Máscara da fantasia Palhaços de Folia de Reis II, ala 8, sendo preparada no barracão. Autoria: Débora Simões, 2017, acervo Ludens.



Figura 4: Confeção de auréolas e esplendores para santos no barracão. Autoria: Débora Simões, 2017, acervo Ludens.



Figura 5: Jovem desfilante se maquiando e vestindo para o desfile no barracão, fantasia o Morro em Romaria, ala 1.
 Autoria: Lucas Bártolo, 2017, acervo Ludens



Figura 6: Componente com a mesma fantasia - o Morro em Romaria, da Ala 1,- na concentração do desfile, pronta para entrar na Avenida. Autoria; Lucas Bártolo, 2017, acervo Ludens



Figura 7: Leandro Vieira explica para a equipe do Ludens o processo de criação da fantasia da bateria, a ala 15, que se referia a São Francisco de Assis.
 Autoria: Morena Freitas, 2017, acervo Ludens.



Figura 10: A fantasia "Um Guerreiro a me defender", da ala 19, sobre São Jorge, na Avenida. Autoria: Débora Simões, 2017, acervo Ludens.

As peças doadas eram uma amostra considerável do desfile, visto que o universo total de fantasias de ala compreendia vinte e cinco modelos diferentes (além das fantasias de destaque e de composição de carro alegórico). O desfile organizava-se em cinco setores - respectivamente, "O Morro em oração", "Vou festejar com a divina proteção", "No altar ou no gongá", "Só com a ajuda do santo", "O axé dos orixás" - e as fantasias obtidas pertenciam a quase todos, excetuando o terceiro.

A importância desse corpus de material para os estudos de devoções era grande, já que ele fornecia uma espécie de amostra objetivada de representações sociais sobre as relações de devoção, materializadas no suporte de vestimentas de carnaval. Isto é, como as pessoas entendem os santos, como os classificam e identificam, o que esperam deles, quais capacidades lhes atribuem, como é possível atualizar suas potências sagradas, relacionando-as com a própria vida, e como

definir e difundir os procedimentos para pedir-lhes e agradecer-lhes, tudo isso eram referências presentes nas fantasias.

No desfile da Mangueira, santos e devotos surgiram nas romarias que mobilizam multidões, nas grandes festas em sua homenagem, nas quais o sagrado se combina com o lúdico e o corpo do devoto em movimento – a dançar, peregrinar, se sacrificar, - é instrumento de louvor. Registravam-se variações regionais e de calendário nas formas de culto. Também houve exemplos da presença e relevância dos santos no cotidiano, como personagens que acompanham constantemente seus devotos na alegria e na tristeza, responsáveis por trazer chuva, sol, casamento, saúde e garantir o fluxo da vida. O termo “santo” foi explorado em toda a sua ambiguidade, tanto no “catolicismo popular” como na “umbanda”, pois o desfile começou no altar e terminou no Congá. Situações e temas bastante emblemáticos para um laboratório em que se estudam as devoções, o lúdico e o sagrado.

Assim que recebi a doação das fantasias, tive a certeza de que o novo acervo obrigaria ao aprofundamento teórico e ao treinamento profissional específico. Seria preciso refletir a respeito dos instrumentos necessários à conservação das fantasias e à musealização de performances – pois as fantasias só se completam ao serem vestidas e utilizadas em coreografias na passarela do samba -, bem como quanto às implicações de destinar à preservação obras efêmeras, isto é, produzidas para serem desmanchadas e reaproveitadas ao final de cada desfile. Intervir na “vida social” das fantasias para conservá-las teria implicações políticas e epistemológicas a serem consideradas (Kopytoff, 2008). Ao mesmo tempo, seria possível analisar as fantasias enquanto artefatos resultantes do fluxo de relações, da combinação de técnicas e princípios estéticos, destacando como suas qualidades sensoriais articulam-se a valores e significados, o que abria horizontes para pensar na articulação entre antropologia da religião, antropologia dos rituais e antropologia das materialidades (Menezes, Toniol, 2021). Além, claro, de entender as ênfases e reinterpretações de “legendas” sobre os santos estabilizadas nas vestimentas (Jolles, 1976). A composição da coleção significava mais trabalho a ser feito, possivelmente numa parceria entre os antropólogos e antropólogas e o setor de Museologia do Museu Nacional, o que na verdade era fonte de grande animação e expectativa positiva, visto tratar-se de um museu em que a pesquisa é missão fundante da instituição. Infelizmente, o incêndio colocou o processo em suspensão.

Porém, passados quase quatro anos, talvez seja a hora de retomar a composição da coleção de fantasias carnavalescas do Ludens. A demonstração de sensibilidade e generosidade de pessoas ligadas ao Carnaval para com o Museu Nacional, bem como as relações constituídas nesse universo permitem ter esperanças nesse sentido. E seria importante que a instituição em reconstrução contasse em seu acervo com peças relacionadas a uma das manifestações artísticas e culturais mais relevantes do Brasil.

REFERÊNCIAS

BÁRTOLO, Lucas. O enredo de Cosme e Damião no Carnaval carioca. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGAS/MN, 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

_____. Arte, magia e reciclagem no Carnaval Carioca: a alegoria de Cosme e Damião por Jorge Caribé. In: MENEZES, Renata, TONIOL, Rodrigo. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.

JOLLES, André. "A Legenda" in: Formas Simples. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 30-59.

KOPYTOFF, Igor. "A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo". In: APPADURAI, Arjun (org.), A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008, p. 89-121.

MENEZES, Renata de Castro. A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumarã, 2004.

_____. Caos, crise e a etnografia das escolas de samba do Rio de Janeiro. Hawò, v. 1, p. 6388538, 2020. Disponível em:

MENEZES, Renata de Castro; BÁRTOLO, Lucas. 2019. Quando devoção e carnaval se encontram. PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 9, n. 1, p. 96-121. Disponível em: <https://tinyurl.com/4674vjt2>, acesso em 15/07/2022.

MENEZES, FREITAS, BÁRTOLO. Doces santos: devoções a Cosme e Damião. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2020.

MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.

PEIRANO, Mariza. 2001. “Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica”; “A análise antropológica dos rituais”. In: *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ. pp. 7-14, 17-40.

Materiais de campo:

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Arte e Patrimônio em um Carnaval da Mangueira. Brasília, IPHAN, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/2kavn485> , acesso em 15/07/2022.

VIEIRA, Leandro. “Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá” LIESA. *Livro Abre-Alas – Segunda-feira*. Rio de Janeiro: LIESA, 2016, p. 275-352.

_____. “Só com a ajuda do santo”. In: LIESA. *Livro Abre-Alas – Segunda-feira*. Rio de Janeiro: LIESA, 2017., p.261-335.

_____. Depoimento ao Obar, Faculdade de Letras da UFRJ, 25/06/2018. Áudio gravado. 2018.